

# Suplemento Cultural

## História de uma noite de resgate das coisas tangíveis

*“As coisas tangíveis  
Tornam-se insensíveis  
À palma da mão*

*Mas as coisas findas  
Muito mais que lindas  
Essas ficarão.”*

Carlos Drummond de Andrade

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Fazia frio ou era apenas a ilusão que tomava conta de meus sentidos, enquanto a voz forte de Heitor Freire me chamava para sentar-me à mesa principal de um lançamento, que tocava fundo corações e mentes? Só Buñuel para descrever a atmosfera surreal, que nos envolvia no distanciamento das coisas visíveis e dissolvia os contornos do tempo.

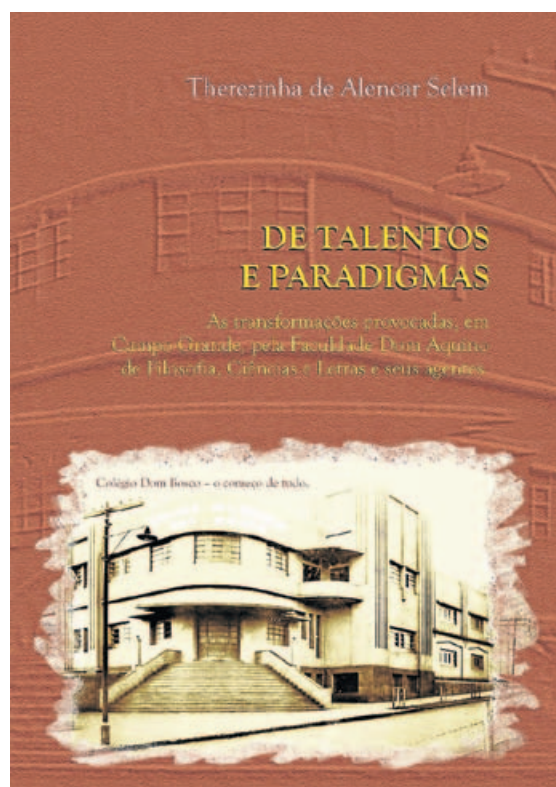
Noite de 22 de maio de 2014, no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, em que se festejava o lançamento de um livro que uniu gerações, fez ressurgir lembranças e transformou um auditório em teatro de recordações. Noite do livro De Talentos e Paradigmas, no qual a autora Therezinha de Alencar Selem enfatizou as transformações provocadas em Campo Grande pela Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras e seus agentes.

Ligados pelos fios da memória, facultada épica por excelência, iniciamos a

“

“Em 50 depoimentos, numa referência aos cinquenta anos da UCDB, Therezinha resgatou as personagens, que ergueram o monumento construído com o cristal da palavra, a força de ações, que o tempo se encarregou de engrandecer.”

mágica navegação pelos países do ontem, onde estremece partes do que foi nossa existência revivida pela força criadora de quem foi participante de uma história particular e geral. Outras palavras se calam diante das apresentações de Hildebrando Campestrini, Padre José Marinoni, La-



Capa do livro ora comentado pela acadêmica professora Glorinha

ra Cristina de Alencar Selem e Carolina Maria Freire de Barros, atores vivos e dinâmicos de uma grande peça de teatro transubstanciada em atos de coragem, audácia, resistindo nas areias desse grande deserto, que se chama vida.

O que faz com que um livro se torne o mais acurado e sensível documento de acontecimentos perdidos nas ondas de mais de 50 anos? O que o transforma em marco orientador da estrada dos que trilham caminhos reconhecidos pelo timbre de uma voz inacessível? Acima de tudo a agilidade a sinceridade a honestidade de um texto, que se tornou parte da história, comovente e forte, de uma geração que lutou pelo direito de preservar os valores, que julgou sinceros e verdadeiros.

Diffícil saltar as páginas em busca de novidades. Os depoimentos colam-se à pele do leitor, que se vê refletido no espelho do próprio eu, como testemunha de sua própria aventura, na qual a realidade é reinventada com as tintas da saudade. Moviada por décadas de paixão, Therezinha ouviu alunos, professores, padres salesianos, amigos da Instituição, filtrando emoções, no desejo de ressaltar a importância de uma instituição responsável pela matéria mais preciosa da natureza: o ser humano.

Na atmosfera surreal daquela noite o

grande ator era o livro, repositório do que não se perdeu na poeira dos dias. Livro generoso, construído para permanecer como importante documento da construção de uma catedral do saber e da cultura, metáfora da ousadia e da paciência dos padres salesianos, que batalharam para que não houvesse interrupção nos estudos de centenas de jovens, que ansiavam por atingir a plenitude de sua capacidade intelectual e anteviam na universidade a solução não só de seus problemas mas os de um Estado que crescia na direção de sua grandeza.

Em 50 depoimentos, numa referência aos cinquenta anos da UCDB, Therezinha resgatou as personagens, que ergueram o monumento construído com o cristal da palavra, a força de ações, que o tempo se encarregou de engrandecer.

Com inteligência, coragem, senso de humor, Therezinha trouxe para nossas vistas a tela mágica pontilhada de recordações que faz vibrar em nossas almas o poder das coisas findas, renascidas pelo refluir da memória, essa força abstrata capaz de resgatar a luta dos que nunca desistiram dos sonhos, apesar dos obstáculos surgidos à frente das fraquezas lançadas na poeira de suas vidas.

DE Talentos e Paradigmas é o retrato em que nos revemos e renovamos a vontade de renascer na luta contra a morte.

## REFLEXÃO – A PAZ

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

A Paz! Felizes os que promovem a paz. Serão chamados filhos de Deus. Assim disse o Filho do Deus da paz.

A paz não é algo estático, imóvel, inerte, que nem água de poço.

A paz é dinâmica, é progresso, é conquista. É a felicidade, a segurança estendida a todos. Fruto do trabalho, da ordem, da dignidade humana acolhida e respeitada.

A desordem, o desrespeito, a prepotência são acidentes de percurso que causam revoltas, guerras, faltas de paz.

Mas, não há paz com fome, com desemprego, com salário mingua-do, exploração do mais forte e mais fraco.

Não adianta o discurso bonito a respeito da paz. Pouco adianta a mensagem de paz, por ocasião de comemorações. A paz não é só ideal é realização. O que vale é empenhar-se por ela, resolvendo questões sociais que a impedem.

Por isso, Patrão Velho, buenacho e pacífico, de chapéu na mão e cabeça baixa, te pedimos: dá-nos paz. A paz da bondade, da cordialidade.

A paz da partilha e da generosidade.

A paz do amor e da justiça. Aquela paz que teu Filho Jesus Cristo distribuía às multidões que o seguiam, quando incentivava a união, quando multiplicava peixes e pães, quando curava enfermos e paralíticos, quando abençoava e perdoava pecados. A paz que vem da consciência e da honestidade, da fé e do perdão.

Ele procurava resolver questões sociais da época.

Desculpa, Patrão Velho, mas queremos cevar o chimarrão da paz, nesta querência da terra, com nossos irmãos de sangue e de tradição, e lá na querência eterna, contigo, ao redor do fogo vivo do Espírito Santo.

TRADIÇÃO – chama dourada  
Num fogão de carreteiro.  
Quando à noite, o pampa inteiro  
Parece que adormeceu.  
Pois, é a saudade grande  
No coração, na consciência,  
A nos dizer, na querência  
A Tradição não morreu.

## FESTAS JUNINAS – UM CULTO FOLCLÓRICO ÀS TRADIÇÕES

GERALDO RAMON PEREIRA

Introduzidas pelos colonizadores portugueses, só que tais comemorações folclóricas sejam preservadas com seus tradicionais ‘comes e bebes’, danças, jogos e pirotecnias... Mas, demos um basta à soltura de balões!

As chamadas festas juninas, herdadas aos colonizadores portugueses, poderiam também ser denominadas festas joaninas, de vez que, em Portugal, o culto a São João é um dos mais antigos e populares. Entre nós, mais conhecidas por juninas – pois são alusivas aos santos do mês de junho – estas comemorações iniciam-se costumeiramente no dia 12, com os festejos da véspera de Santo Antônio, atingem seu auge na noite de 23 para 24, dia de São João, vindo a terminar em 29 de junho, dia de São Pedro.

Em chão brasileiro, com o surgimento das grandes cidades, o caráter folclórico das festas juninas foi aos poucos desaparecendo, mantendo-se, porém, nas cidades meno-

res e povoações mais interiores. Tanto é assim que, no Nordeste, há muita afluência popular às festanças de Campina Grande, João Pessoa e Santa Luzia do Sabugi (PB), além de algumas cidades pernambucanas e São Luís do Maranhão. Chega-se a realizar um festival de quadrilhas em Fortaleza (CE). No Sudeste, são comuns os festejos em Cabo Frio (RJ), na cidade do Rio de Janeiro e em Ubatuba (SP). Enfim, para citar mais exemplos regionais desta preservação folclórica, no nosso Centro-Oeste as festividades juninas são mais intensas nas regiões de Dourados e Corumbá, no tradicional rincão sul-mato-grossense.

Originariamente de cunho religioso, as festas juninas passaram ao folclore como uma preservação de costumes e hábitos do nosso caboclo, em que a figura do caipira é marcadamente estereotipada. Daí os trajes típicos usados por meninos e meninas por ocasião das atuais festas juninas, principalmente nas escolas. Geralmente sob a orientação de professores uma fogueira é

acesa, assa-se batata doce, pipoca é estourada, bebe-se quentão, come-se pé-de-moleque e outras tantas guloseimas e iguarias, além da animadíssima dança da quadrilha no pátio ornamentado (antigo terreiro!) com bandeirolas multicores... Várias modalidades de jogos são realizadas entre risos e brincadeiras. Estouram-se bombinhas, busca-pés e rojões, que iluminam e aquecem as noites quase sempre frias do mês de junho.

...Eis que de repente, numa misteriosa comoção, alguém começa a sentir um sei quê de saudade... Saudade de outras festas juninas, de outros tempos, de outras pessoas, velhos amigos, parentes desaparecidos, um grande amor que se foi... E um balão de sonhos (não se deve soltar balões de verdade!), inflado de recordações, de vagas esperanças, de anseios sufocados – porém aceso com a chama da vida – começa a subir... subir... no céu do seu ilusório destino... Destino que por certo um dia o fará pousar, resignada e mansamente, no jardim do Éden ou nos braços de Deus!

## BUCHARA, CRAQUE NO FUTEBOL E NA ARBITRAGEM

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – PRESIDENTE DA ASL

Jair Buchara Justiniano nasceu na bela Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, no dia 27 de dezembro de 1945. Conhecido nacionalmente apenas como BUCCHARA foi, inquestionavelmente, um dos mais talentosos e aplaudidos árbitros de futebol nos anos de 1970 e 1980 na Federação Paulista de Futebol, do quadro nacional de arbitragem e no Estado de Mato Grosso do Sul.

Buchara aprendeu a ler e escrever no Grupo Escolar General Mallan, no bairro Amambaí, em Campo Grande. cursou o ginásio no Colégio Dom Bosco, transferindo-se para o Colégio Estadual (atual Maria Constança de Barros Machado), onde concluiu o 2º grau (curso científico). Diplomou-se como engenheiro industrial pela Faculdade de Engenharia

Industrial de São Paulo. Voltando para Campo Grande, determinado, bacharelou-se no Curso de Direito – Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMAT).

O futebol para Buchara, desde a tenra idade, foi uma deliciosa e eterna paixão. As primeiras “pela-das” ocorreram em Campo Grande, no campinho da Vila Bandeirantes e, depois, na quadra do SENAL. Obcecado pelo gol, rápido nos dribles e arremates, transformou-se num aplaudido artilheiro. Ainda menino vestiu a camisa do E.C. Marianos, dos padres redentoristas, dirigentes da Igreja N.S. Perpétuo Socorro. Aos 14 anos, convidado, foi jogar no Cruzeiro F.C. que, com sucesso, disputava o campeonato varzeano de Campo Grande. Buchara, goleador nato, transformou-se no artilheiro do disputado campeonato. No ano seguinte, atuando pelo time do Colégio Estadual, não só levantou a taça de campeão dos

Jogos Estudantis, como também consagrou-se ao ser apontado o melhor jogador e artilheiro da referida competição.

No futebol de salão integrou a briosa equipe do União dos Sargentos, destacando-se como artilheiro. A UCE (União Campo-Grandense de Estudantes) o chamou para compor o seu quadro de atletas do futebol de salão, onde jogou ao lado do craque Jadir.

Aos 18 anos entrou como recruta na Companhia da 9ª Região Militar do Exército Brasileiro, em Campo Grande e, imediatamente, convocado, passou a atuar na Seleção do Exército da Região Centro-Oeste. No início da década de 60 ofereceu seu belo futebol ao Continental Mamoré, time que disputava o Campeonato de Futebol de Campo Grande organizado pela LEMC (Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense), sendo artilheiro do certame.

## POESIA

CARAVELAS

*E descubro nestas caravelas  
as paisagens levitadas em sintonia  
com os pássaros e estrelas...  
naturalmente translúcidas  
não precisam de carta das marés  
talvez das auras que arejam o espírito  
e edificam passadiços para  
a estesia do ser... ...  
de repente  
milhares de milhas são vencidas  
sem as incursões de corsários  
e sem os rangidos noturnos dos mares*

*nos ares  
os ecos azuis dos vilancetes  
desancorados das amuradas  
e refletidos nos rochedos flamejantes  
convocam os ventos  
para turnos extras de renovos  
e para embalar a solidão  
das nuvens cravejadas de elegias...*

*e vejo sobre o convés principal  
destas caravelas  
vistosos cavaletes  
com telas tridimensionais  
e nelas  
prismas e pincéis de sóis  
a delinear símbolos  
e a recriar elos de primazias intermi-  
náveis...*

*há códigos discretos  
nas velas dianteiras destas caravelas...  
inconventionais mensagens  
[quais champanhas  
com sabor de segredos]  
aos legítimos  
navegantes da essência.*

RUBENIO MARCELO

(poema do seu novo livro ‘Veleiros da Essência’)